



N.º 15 | Dezembro 2007

[<http://www.almadan.publ.pt>]

[migrado de <http://almadan.cidadevirtual.pt>]

## I Sumário

## II Editorial | Jorge Raposo

## Arqueologia

- III **Entre as Grutas e os Monumentos Megalíticos:** problemáticas e interrogações na Pré-História recente do Alto Ribatejo  
Alexandra Figueiredo
- IV **25 Anos de Investigação Arqueológica em Portugal (1982-2007). A Pré-História Holocénica:** referências bibliográficas  
Carlos Tavares da Silva
- V **Intervenção Arqueológica no Casal do Rebolo (Sintra):** da diversidade das estruturas à larga diacronia de ocupação  
Alexandre Gonçalves e Catarina Coelho
- VI **Citânia de Briteiros:** trabalhos arqueológicos recentes (2007)  
Francisco Sande Lemos e Gonçalo Cruz
- VII **Vila de Castelo de Vide:** um *habitat* proto-histórico  
João F. A. Magusto
- VIII **Casa dos Bicos 25 Anos Depois:** marcas de oleiro em *terra sigillata*  
Eurico de Sepúlveda e Clementino Amaro
- IX **Ocupação Romana no Beco do Marquês de Angeja, Alfama:** evidências de estruturas termais junto da porta Nascente de *Olisipo*  
Victor Filipe e Marco Calado
- X **Capela de São Pedro da Capinha (Fundão):** primeira intervenção  
Elisa Albuquerque e Constança Guimarães dos Santos
- XI **Evidências de Ocupação Romana no Morro do Castelo de Alverca do Ribatejo** (Vila Franca de Xira)  
João Pimenta e Henrique Mendes
- XII **A Torre Medieval de Santa Catarina de Sítimos:** elementos para o estudo do sistema defensivo de Alcácer do Sal em contexto almóada  
António Rafael Carvalho
- XIII **Tomar Islâmica do Gharb al-Andalus:** a alcáçova e arredores  
Salette da Ponte
- XIV **Paleodemografia e Patologia Oral** na população exumada da Igreja de Santiago Maior de Monsaraz  
Patrícia Peralta e Ana Luísa Santos
- XV **Notícias: actividade arqueológica**

al-madan IIª Série, n.º 15, Dezembro 2007

al-madan online / adenda electrónica

**Propriedade**

Centro de Arqueologia de Almada  
Apartado 603 EC Pragal  
2801-601 Almada PORTUGAL  
Tel. / Fax 212 766 975

E-mail [secretariado@caa.org.pt](mailto:secretariado@caa.org.pt)

Registo de imprensa 108998

[Http://www.almadan.publ.pt](http://www.almadan.publ.pt)

ISSN 0871-066X Depósito Legal 92457/95

Director Jorge Raposo ([director.almadan@clix.pt](mailto:director.almadan@clix.pt))

**Conselho Científico** Amílcar Guerra, António Nabais,  
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva e Carlos Tavares da Silva

**Redacção** Rui Eduardo Botas, Ana Luísa Duarte,  
Elisabete Gonçalves e Francisco Silva

**Colunistas** Mário Varela Gomes, Amílcar Guerra, Victor Mestre,  
Luís Raposo, António Manuel Silva e Carlos Marques da Silva

**Colaboram na edição em papel** Ass. Prof. de Arqueólogos,  
M.ª Fátima Abraços, Mila S. Abreu, Elisa Albuquerque, M.ª José  
Almeida, Miguel Almeida, Sara Almeida, Pedro Barros, Filipa Bragança,  
Sandra Brazuna, Jacinta Bugalhão, Guilherme Cardoso, António Rafael  
Carvalho, Pedro S. Carvalho, António Chéney, Manuela Coelho, José  
Correia, Miguel Correia, António Costa, Eugénia Cunha, Manuela de  
Deus, Adriaan De Man, Ana L. Duarte, Lídia Fernandes, Isabel C.  
Fernandes, Ângela Ferreira, M.ª Teresa Ferreira, Nádía Figueira,  
Alexandra Figueiredo, Iola Filipe, Tiago Fontes, Ana S. Gomes, Mário  
V. Gomes, António Gonzalez, Amílcar Guerra, Constança Guimarães,  
M.ª João Jacinto, Vitor O. Jorge, M.ª Jesus Kremer, F. Sande Lemos,  
João Lizardo, Virgílio Lopes, Sandra Lourenço, António Martins,  
Samuel Melro, Henrique Mendes, Victor Mestre, Paulo A. Monteiro,  
Rui Morais, João Muralha, António Nabais, Filipa Neto, Nuno Neto,  
M.ª João Neves, Luiz Oosterbeek, Rui Parreira, Luís Pereira, Teresa  
R. Pereira, João Perpétuo, Miguel Pessoa, João Pimenta, Marina  
Pinto, Museu da Cidade de Lisboa, Paulo O. Ramos, João Raposo,  
Jorge Raposo, Luís Raposo, Paulo Rebelo, Jorge Davide Sampaio,  
Severino Rodrigues, Helena Rua, Anabela P. de Sá, Raquel Santos,  
Suzana P. Santos, Ana Raquel Silva, António Carlos Silva, António  
Manuel Silva, Carlos Tavares da Silva, Filipa Cortesão Silva, António  
Monge Soares, Ana Margarida Vale, António C. Valera, Gonçalo L.  
Velho, Alexandra Vieira e Gertrudes Zambujo

**Colaboram na Adenda Electrónica** Elisa Albuquerque, Miguel  
Almeida, Clementino Amaro, Teresa M. Barbosa, Lília Basílio, Marco  
Calado, António Carvalho, António R. Carvalho, Tânia M. Casimiro,  
Catarina Coelho, Mónica Corga, Rui Couto, Gonçalo Cruz, M.ª Teresa  
Ferreira, Alexandra Figueiredo, Victor Filipe, Jorge Freire, Susana  
Gómez, Alexandre Gonçalves, Filipe Gonçalves, Francisco Sande Lemos,  
Virgílio Lopes, João Magusto, Rodolfo Manaia, Paulo A. Monteiro,  
Henrique Mendes, M.ª João Neves, Susana Nunes, M.ª F. Palma, Patrícia  
Peralta, João Pimenta, M.ª João Pina, Salette da Ponte, Lígia Rafael, Sara  
Ramos, Ana Luísa Santos, Ana Rita Santos, Constança G. dos Santos,  
Eurico Sepúlveda, Telmo Silva, Carlos T. Silva e Andreia Torres.

**Publicidade** Elisabete Gonçalves

**Apoio administrativo** Palmira Lourenço

**Resumos** Jorge Raposo (português), Luisa Pinho (inglês)  
e Maria Isabel dos Santos (francês)

**Modelo gráfico** Vera Almeida e Jorge Raposo

**Paginação electrónica** Jorge Raposo

**Tratamento de imagem** Jorge Raposo, com Cézer Santos

**Ilustração** Jorge Raposo

**Revisão** Maria Graziela Duarte, Fernanda Lourenço

**Pré-impressão** GC Design Ldª

**Impressão** Printer Portuguesa

**Distribuição** CAA | <http://www.almadan.publ.pt>

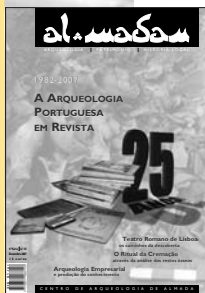
**Tiragem da edição em papel** 1500 exemplares

**Periodicidade** Anual

**Apoios** Câmara Municipal de Almada e Câmara Municipal do Seixal

**FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



Capa Luís Duarte de Barros e Jorge Raposo

Composição gráfica sobre fotografia de escavação  
arqueológica na olaria romana do Porto dos Cacos.  
(Alcochete, 1990).

Fotografia © Jorge Raposo/Centro de Arqueologia de Almada

Com esta edição, *Al-Madan* completa 25 anos de existência, quinze dos quais na presente série, a segunda, iniciada em 1992. É um longo percurso, durante o qual o projecto evoluiu, cresceu e ganhou projecção nacional, ao mesmo tempo que muita coisa mudava nas áreas temáticas a que se dedica, nomeadamente no que à Arqueologia respeita – a disciplina ganhou estatuto de formação académica e de ocupação profissional; o seu “objecto” de aplicação diversificou-se e alargou-se a novas temáticas e “terrenos”; as metodologias complexificaram-se e enriqueceram-se no contacto com outras áreas de saber; as instituições de tutela substituíram-se umas às outras, ao sabor de diferentes orientações estratégicas (ou da falta delas!); a iniciativa privada ocupou gradualmente espaços antes assegurados pela administração pública ou abertos pelo forte crescimento da procura impulsionado por novos enquadramentos legislativos; os profissionais deram os primeiros passos no sentido da sua organização e auto-regulação; etc.

Boa parte desta transformação, radical sob muitos pontos de vista, está reflectida nas páginas dos volumes de *Al-Madan* publicados ao longo dos anos, a ponto da própria revista poder ser encarada como um dos protagonistas e agentes dessa transformação. Reflectir sobre o seu próprio percurso e sobre a história recente da Arqueologia portuguesa é, pois, o tema central desta edição, na sua versão impressa.

Para tal recorreu-se ao discurso directo e informado de diversos outros protagonistas, que partilham com os leitores experiências pessoais e sínteses do que de mais relevante ocorreu nesse período, nos planos institucional, social, organizativo e associativo, mas também da relação com outras ciências e da produção de conhecimento em várias temáticas específicas, da Pré-História aos períodos medieval e pós-medieval, à museologia e à Arqueologia industrial.

O dossiê impresso neste número inclui também um contributo para a cronologia sistemática da Arqueologia portuguesa do último quarto de século, a qual foi também colocada no sítio Internet da *Al-Madan Online*, onde está aberta à actualização e incorporação de colaborações que a enriqueçam e permitam corrigir erros e omissões.

Assim, consolidando a experiência positiva de anos anteriores, esta revista continua a ser produzida simultaneamente em papel e em formato digital, pelo que, quando se puderam ler as páginas do volume impresso, também se colocou acessível mais uma *Al-Madan Online - Adenda Electrónica*, disponibilizada na Internet para difusão alargada de outros conteúdos originais, em formato PDF (<http://www.almadan.publ.pt>).

No seu conjunto, os leitores encontrarão certamente muitos e bons motivos de interesse sobre o passado recente e o presente da Arqueologia portuguesa, e matéria para uma reflexão informada quanto ao seu futuro próximo.

Jorge Raposo

# Casa dos Bicos

## 25 Anos Depois

marcas de oleiro em *terra sigillata*

por Eurico de Sepúlveda (\*) e Clementino Amaro (\*\*)

(\*) Associação Cultural de Cascais e Centro de Arqueologia de Almada.

(\*\*) Arqueólogo.

No momento em que se assinalam os 25 anos de publicação da revista *Al-Madan*, com a saída do seu n.º 15, IIª série, considerámos oportuno associarmo-nos a esta importante efeméride editorial, no âmbito da investigação e da divulgação arqueológicas, com a apresentação de um conjunto de sete marcas de oleiro provenientes da Casa dos Bicos (Lisboa).

Esta divulgação acontece precisamente 25 anos depois de se terem concluído, em finais de Junho de 1982, os trabalhos arqueológicos de campo realizados naquela casa de raiz quinhentista <sup>1</sup>.

Dentro deste ciclo comemorativo, refira-se que foi no número 0 da revista *Al-Madan*, na sua secção de “Temas”, que saiu uma primeira notícia sobre o historial da Casa dos Bicos (AMARO 1982b).

Estando a decorrer em 1983 a XVIIª Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura, na qual a Casa dos Bicos se constituiu como um dos núcleos expositivos, seguiu-se um segundo texto, incluído no número 1 da revista, onde se põe em destaque a exposição de materiais arqueológicos, no primeiro piso, bem como parte das estruturas arqueológicas aí integradas e valorizadas <sup>2</sup>.

Vem a propósito, a esta distância, recordar que os trabalhos arqueológicos de campo tiveram como núcleo-base uma equipa de quatro técnicos oriundos precisamente do Centro de Arqueologia de Almada (Luís Barros, Vítor Santos, Ana Luísa Duarte e Maria Graziela Duarte), à qual se junta posteriormente Jorge Raposo.

É oportuno realçar o grande espírito profissional e de disponibilidade revelados pela equipa de cam-

po, ao trabalhar durante vários períodos em condições particularmente difíceis, para que fossem cumpridos os objectivos que as circunstâncias na altura impuseram.

No seguimento da intervenção arqueológica de campo e posterior tratamento dos materiais, em Abril de 1985 foi estabelecido um programa de trabalho, com o apoio do então Departamento de Arqueologia do IPPC e do Museu da Cidade, a fim de se proceder ao estudo de contextos da Casa dos Bicos, acção desenvolvida por um dos signatários e por Ana Luísa Duarte (DUARTE e AMARO 1986: 154). Esta tarefa foi irremediavelmente suspensa, em finais de 1985, com o drástico encerramento do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, local onde tinham sido reunidas as indispensáveis condições de trabalho.

O presente estudo resulta, por fim, da criação das condições mínimas de acesso e de estudo ao vasto espólio, por parte da actual direcção do Museu da Cidade e sua equipa técnica, nomeadamente a partir de 2005, com a gradual concentração de cerca de centena e meia de contentores no depósito entretanto organizado no Palácio de Benegazile, em resultado da dispersão de parte deles em diferentes depósitos municipais.

<sup>1</sup> A direcção dos trabalhos arqueológicos foi da responsabilidade de José Luis de Matos e de Clementino Amaro.

<sup>2</sup> O guião da exposição de arqueologia então elaborado constituiu-se como uma introdução ao tema tratado nos pisos superiores, “A Dinastia de Avis e a Europa” (CARITA e AMARO 1983). O sítio arqueológico é visitável, com prévia marcação.

### r e s u m o

Contextualização arqueológica e estudo de um conjunto de sete marcas de oleiro aplicadas em peças de *terra sigillata* de produção itálica, do Sul da Gália e da Península Ibérica. Os exemplares foram recolhidos numa das primeiras intervenções de Arqueologia urbana na cidade de Lisboa, concluída em 1982, no interior da Casa dos Bicos. Construída no século XVI, esta assenta sobre importantes contextos modernos, medievais e tardo-romanos, que incluem parte de uma unidade de produção de preparados de peixe e da muralha de finais do século III ou início do IV.

### p a l a v r a s c h a v e

Época romana; *Terra sigillata*; Marcas de oleiro.

### a b s t r a c t

Archaeological contextualisation and study of seven potter's stamps applied on *terra sigillata* (Samian ware) pieces produced in the Italic and Iberian Peninsulas and in the South of Gallia.

The finds were collected during one of the first urban archaeology interventions in Lisbon, inside the Casa dos Bicos house, which was concluded in 1982. Built in the 16th century, the house was set over important Modern, Medieval and Late Roman contexts, including part of a fish preparation and production unit and of the walls from the end of the 3rd or beginning of the 4th centuries.

### k e y w o r d s

Roman times; *Terra sigillata* / Samian ware; Potter's stamps.

### r é s u m é

Contextualisation archéologique et étude d'un ensemble de sept marques de potier apposées sur des pièces en terre sigillée de production italique, du Sud de Gallia et de la Péninsule Ibérique.

Les exemplaires ont été recueillis lors d'une des premières interventions d'Archéologie urbaine réalisée à Lisbonne, achevée en 1982, à l'intérieur de la Casa dos Bicos. Construite au XVI<sup>e</sup> siècle, celle-ci repose sur d'importants contextes modernes, médiévaux et romains tardifs, qui incluent une partie de l'unité de production de conserverie de poissons et de la muraille datant de la fin du III<sup>e</sup> siècle ou du début du IV<sup>e</sup>.

### m o t s c l é s

Epoque romaine; *Terre sigillée*; Marques de potier.



↑ Figuras 1 a 3 →

Em cima, vestígios de muro romano na Sala C, com bolsa de material anfórico e cerâmica comum.

Na página seguinte, planta das estruturas medievais e pós-medievais (Fig. 2) e Corte C-D (Fig. 3).

## O contexto das marcas

O espaço urbano identificado no interior da Casa dos Bicos organizava-se, já no período romano, em duas plataformas distintas, adaptando-se à topografia do terreno, assim como à sua relação com o rio.

O conjunto das marcas de oleiro provém destes dois níveis de ocupação, correspondendo ambos a estratos de enchimento tardo-romanos e que integram um leque diversificado de materiais a partir, em particular, do período republicano<sup>3</sup> (Fig. 1).

Recorde-se que a ocupação mais marcante do espaço ocupado pela casa quinhentista, para além do troço da muralha, correspondeu à primeira unidade fabril romana de preparados piscícolas identificada em *Olisipo*. Na sequência da importância deste facto, foi viável integrar, na versão final do projecto de arquitectura (já em fase avançada da obra), quatro tanques de salga e a torre semicircular, esta coberta por pavimento em vidro. Dos períodos Medieval e Moderno foram valorizadas duas das faces que subsistiram da torre vã (Fig. 2, n.º 3) e o pavimento “mudéjar”, funcionando este como memória de uma antiga passagem pedonal (passadiço) que existiu na empena Nascente da casa e que foi encerrada em meados do século XVII (Fig. 2, n.ºs 4 e 12).

O topo dos tanques de salga encontra-se à cota média de cinco metros. O pátio fronteiro aos mesmos, bem como um conjunto de compartimentos, apresentam uma cota de cerca de 3,70 m. A ligação entre os dois patamares onde se organizam as estruturas da unidade fabril de preparados de peixe é feita por uma escada existente junto à parede que delimita os tanques a Poente (Fig. 3, n.º 10).

<sup>3</sup> Encontram-se na fase de estudo e desenho os materiais integráveis no período Republicano, bem como o conjunto anfórico e de cerâmica fina romana.

<sup>4</sup> In *Chancelaria de D. Afonso V*, Livro XV, fl. 154 (1455).

O depósito secundário de materiais do período romano que foi registado imediatamente sob o pavimento quinhentista da casa, ao nível da loja, e na parte interna da muralha, apresenta uma cota média de 2,80 m.

Esta organização da unidade fabril romana irá condicionar as posteriores construções no local. A loja (subdividida em três espaços – Salas A, B, C) e a sobreloja da casa tinham acesso pela rua dos Bacalhoeiros (antiga Ribeira) e os andares nobre e superior tinham a entrada pela Rua Afonso de Albuquerque (Salas D e E), perfazendo, entre os dois acessos, uma diferença de cota de cerca de seis metros (Fig. 3).

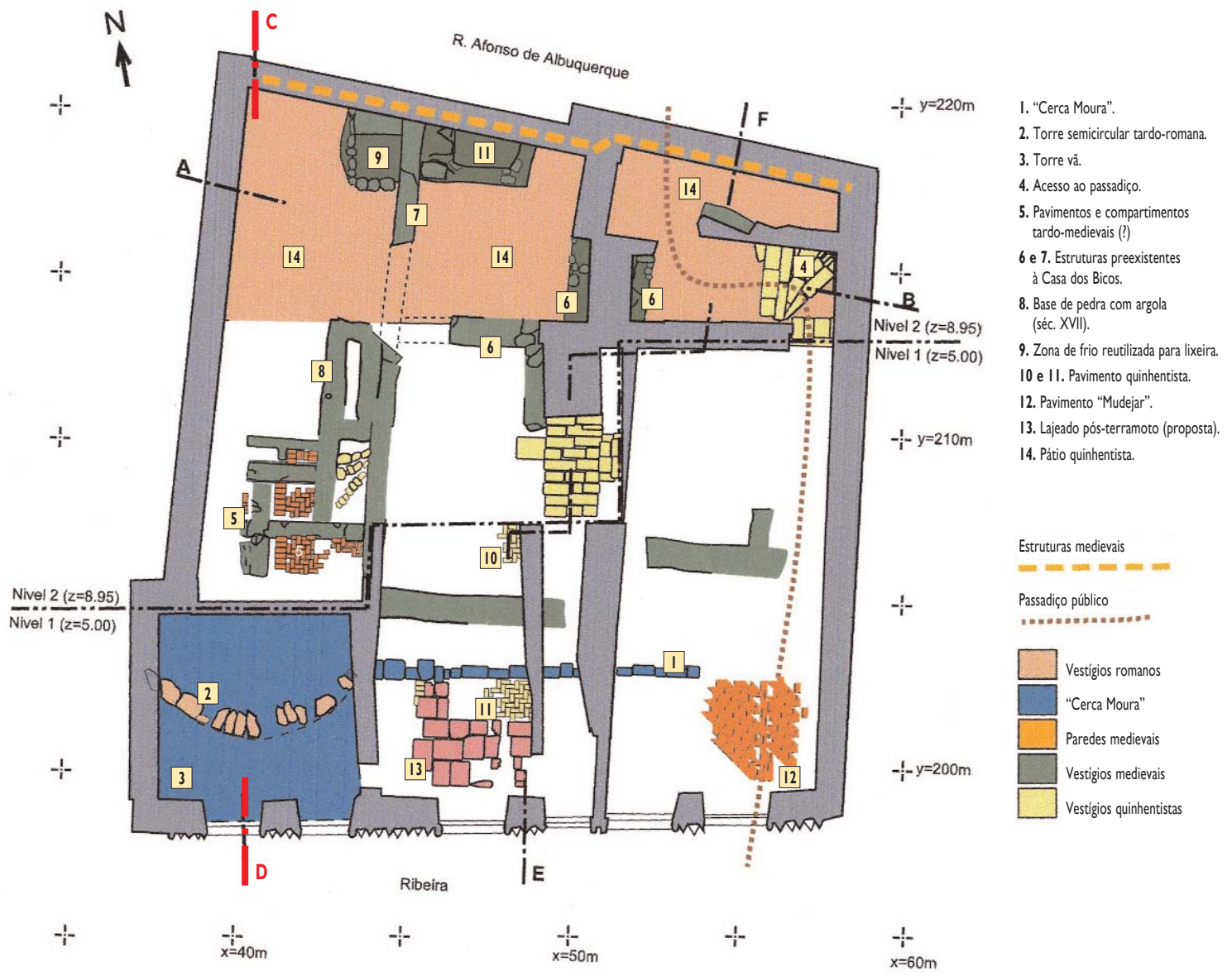
A ocupação do período romano tem como limite a muralha (“Cerca Velha” ou “Moura”), construída no Baixo Império. O espaço compreendido entre a linha de muralha (Fig. 2, n.ºs 1 e 2) e a fachada virada a Sul da casa é constituído por aterros tardo-medievais resultantes da desafectação da muralha como linha de defesa, a fim de permitir a construção de casas senhoriais na frente ribeirinha (Fig. 2, n.ºs 11 e 12).

O alinhamento das fachadas dos edifícios vai seguir a face externa das torres medievais da cerca, realidade que se verifica na Casa dos Bicos (Fig. 2, n.º 3). Esta permissão foi anteriormente regulamentada, como o testemunha o aforamento registado na *Chancelaria de D. Afonso V*, quando refere que aquele foi realizado na condição “*que a parede (das casas) que se em elle fizer não saia mais, assim de largo e altura, que quanto diz as torres que estão pegadas ao dito muro*”<sup>4</sup>.

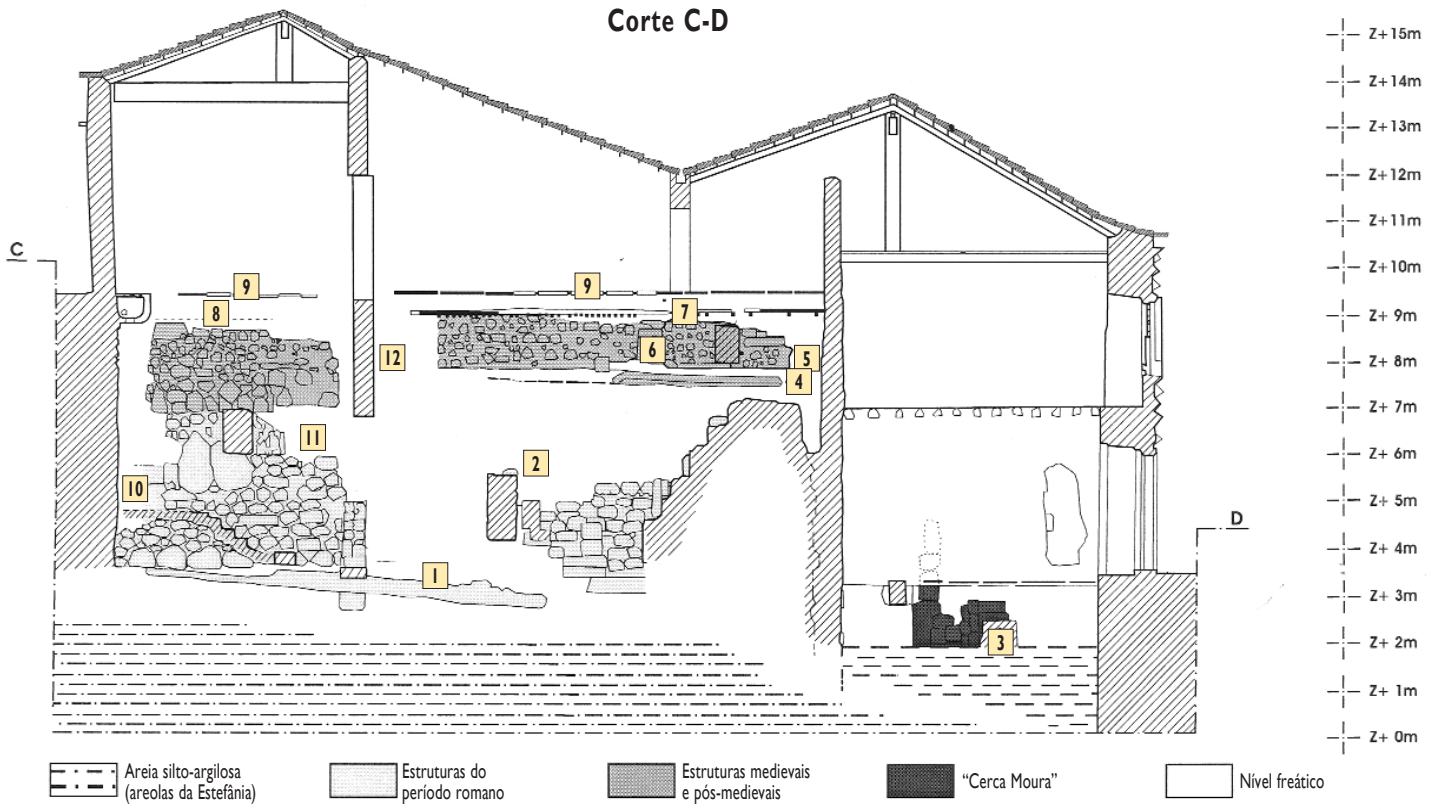
Na área intervencionada em 1981 identificou-se o arranque de uma torre semicircular e o troço de muralha numa extensão de nove metros. A torre teria cerca de 6,50 metros por um raio de 2 metros (AMARO 1982a). Esta encontra-se inscrita numa torre vã, do período medieval (Sala A), pela qual se alinha a fachada da Casa dos Bicos, e de cuja volumetria primitiva persiste memória na actual recepção ao público das instalações municipais aí sedeadas (Fig. 2, n.º 3; Fig. 3, n.º 3; Fig. 4).

Uma torre tipologicamente semelhante foi identificada no troço de muralha intervencionado em 2001, no local da antiga Porta de Alfama (PIMENTA *et al.* 2005).

Também se procedeu a uma pequena sondagem junto à face externa da muralha (entre o pavimento “mudéjar” e a parede Poente da Sala C), onde se evidenciaram três fiadas de blocos, de razoáveis dimensões, até ao nível freático (Figs. 5 e 6). A muralha apresenta vestígios da erosão fluvial, evidenciada pela fragilização das juntas e pela profusão de fragmentos cerâmicos, totalmente rolados, exumados ao nível do basamento.



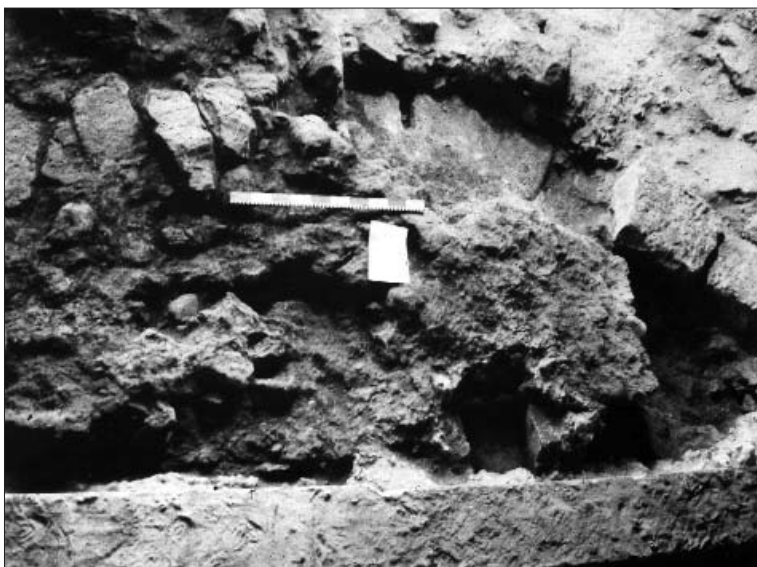
**Corte C-D**



1. "Cerca Moura".
2. Torre semicircular tardo-romana.
3. Torre vã.
4. Acesso ao passadiço.
5. Pavimentos e compartimentos tardo-medievais (?)
- 6 e 7. Estruturas preexistentes à Casa dos Bicos.
8. Base de pedra com argola (séc. XVII).
9. Zona de frio reutilizada para lixeira.
- 10 e 11. Pavimento quinzentista.
12. Pavimento "Mudejar".
13. Lajeado pós-terramoto (proposta).
14. Pátio quinzentista.

- Estruturas medievais  
 Passadiço público
- Vestígios romanos
  - "Cerca Moura"
  - Paredes medievais
  - Vestígios medievais
  - Vestígios quinzentistas

- Z+ 15m
- Z+ 14m
- Z+ 13m
- Z+ 12m
- Z+ 11m
- Z+ 10m
- Z+ 9m
- Z+ 8m
- Z+ 7m
- Z+ 6m
- Z+ 5m
- Z+ 4m
- Z+ 3m
- Z+ 2m
- Z+ 1m
- Z+ 0m



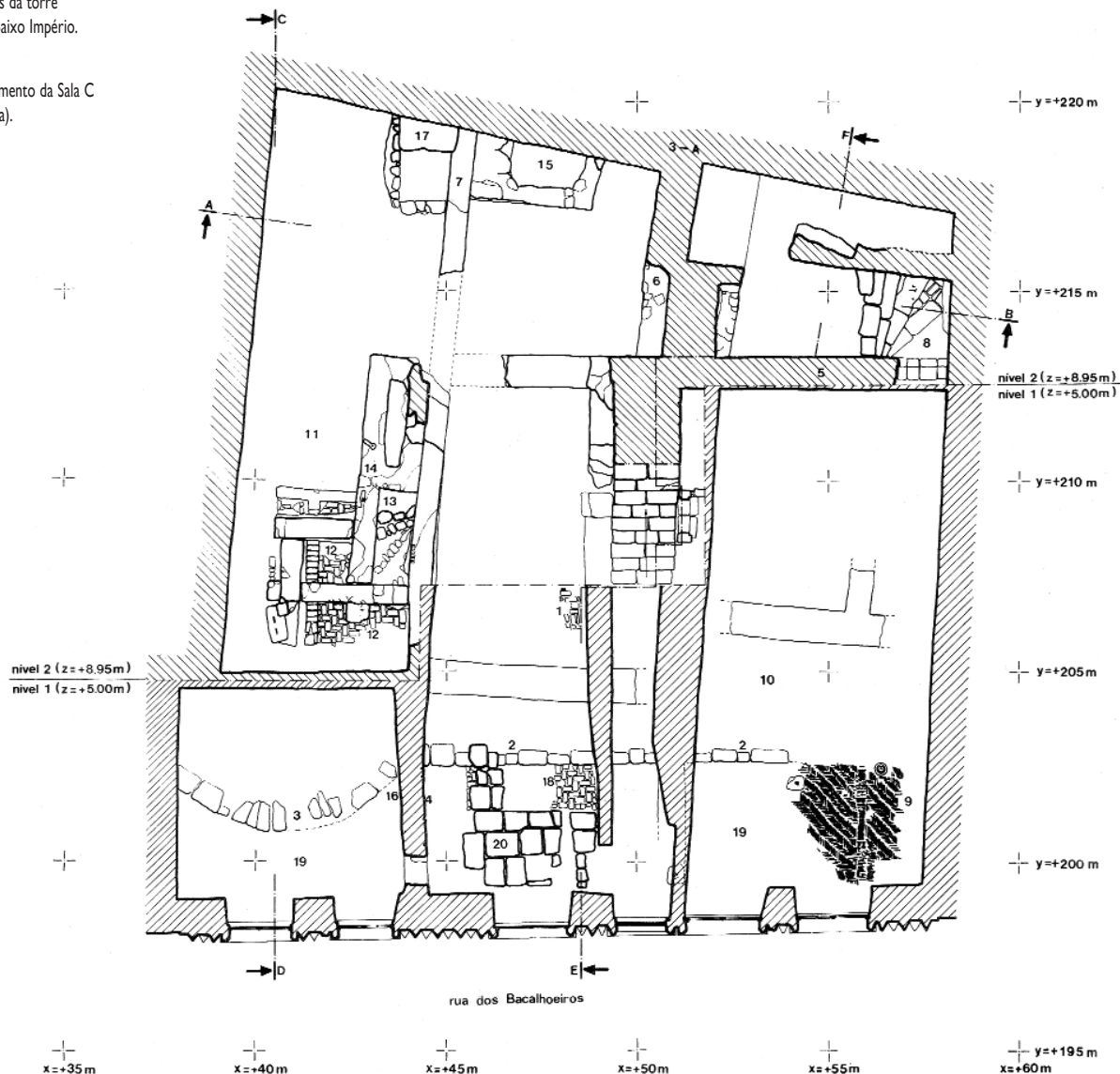
A construção da muralha no Baixo Império poderá corresponder a finais do século III-inícios do IV (ou mesmo primeira metade), coincidindo com o primeiro estrato de enchimento registado na parte interior da muralha e, presumivelmente, com a fase de remodelação urbana que acontece com o fim da laboração da unidade fabril de preparados piscícolas e com a construção de novos espaços sobre a mesma, e onde foi reutilizado um fragmento de marco milário da época do Imperador Probo (276 a 282 d.C.) (Fig. 3, n.º 11).

Olisipo vai integrar-se no processo de fortificação ocorrido neste período, constituindo-se Cominbriga como um dos exemplos mais paradigmáticos da Lusitânia, para onde se avança uma cronologia para a muralha de finais do século III ou inícios do IV (ALARCÃO 1999).

↑ Figuras 4 a 5 ↓

Em cima, vestígios da torre semicircular do Baixo Império.

À direita, levantamento da Sala C (troço de muralha).





← Figuras 6 a 7 ↓

À esquerda, vista externa da muralha em fase de obra.

Em baixo, pavimento quinhentista ladeando o topo da muralha.

As intervenções arqueológicas realizadas pelo antigo IPPC-IPPAR e pelo Museu da Cidade têm confirmado o reaproveitamento de diferentes troços da muralha tardo-imperial no período Medieval, como o exemplo verificado na Casa dos Bicos, com a substituição da torre semicircular por uma torre vã (Fig. 2).

É já em contexto quinhentista que se procede à desmontagem deste troço de muralha até à cota média de 2,80 m, a fim de permitir a pavimentação do rés-do-chão da casa, efectuada a tijoleira (Fig. 7).

É sob o pavimento que surgiu um dos enchimentos romanos já anteriormente referido e que apresentava áreas de perturbação nos locais onde foram abertas valas para a construção de pilares e vigas em betão, em resultado das obras de consolidação realizadas nos anos 60-70 do século XX, para a sustentação de uma nova cobertura (MIRANDA 2002).

Foi neste contexto do primeiro piso (loja) que foram exumadas, na Sala C, quatro marcas de oleiro, referenciadas com os números de inventário MC. ARQ/CB 82.422c, 423c, 463c e 465c.

A Sala E, ao nível da rua Afonso de Albuquerque, é o segundo contexto onde se registam as restantes marcas. Duas delas foram exumadas na vala de implantação de uma parede em betão, junto à base do pilar de suporte da cobertura (Fig. 3, n.º 12), e a terceira no aterro fronteiro ao referido pilar.

A abertura da vala nos anos sessenta atingiu o topo do enchimento tardo-romano, que cobria as estruturas edificadas por volta do século IV d.C. (Fig. 3, n.º 11) <sup>5</sup>.

Este conjunto inclui os números de inventário 421c, 463c e 464c., o que nos dá uma informação quanto ao tipo de enchimento após o abandono das estruturas do século IV, situação que, presumivelmente, terá decorrido durante a primeira metade do século VI d.C., integrando-se, assim, nas alterações urbanísticas registadas, nomeadamente, no claustro da Sé de Lisboa (AMARO 1995: 340-341).



### As marcas de oleiro

O conjunto de marcas de oleiro exumado durante as escavações efectuadas na Casa dos Bicos é constituído por apenas sete elementos, portanto, muito reduzido. No entanto, permitiu fazer uma análise em que se utilizou a origem da produção, com as respectivas diacronias a ela ligadas, o conhecimento actual sobre os oleiros envolvidos e a localização destes fragmentos dentro do contexto estratigráfico da intervenção arqueológica levada a cabo há vinte e cinco anos.

As sete marcas encontradas são de origem heterogénea, correspondendo cinco delas a uma proveniência das olarias localizadas na Península Itálica, enquanto as duas restantes provêm uma da Gália do Sul, e a outra da Península Ibérica, o que nos leva a pensar da origem do espólio obtido durante a “campanha” levada a cabo na Casa dos Bicos.

A situação aqui verificada tem correspondência no espólio obtido nas recentes intervenções que se tem levado a cabo no Teatro Romano de *Olisipo* <sup>6</sup>, em que a esmagadora maioria de marcas de oleiro

<sup>5</sup> O desenho de campo e de gabinete foi realizado por Fernando Gonçalves, Jorge Raposo, Fátima Imaginário e José Heitor. O tratamento gráfico posterior é de António José Cruz e José Marono. O levantamento da Casa dos Bicos foi realizado por alunos do curso de Arquitectura da Escola Superior de Belas Artes.

<sup>6</sup> Escavações do Museu da Cidade, no Teatro romano de Lisboa, sob direcção da Mestre Lídia Fernandes, a quem agradecemos todas as informações dadas sobre o espólio exumado.

em *terra sigillata* é precisamente de oleiros itálicos, embora não se deixe de ressaltar que se trata de uma intervenção em estratos selados de inícios a meados do séc. I d.C.

Das marcas de oleiros itálicos exumadas apenas uma está completa, a do oleiro Agathemero, cuja olaria se situava na cidade de Pozzuoli, enquanto que as restantes se encontram fracturadas, permitindo leituras parcelares que, no caso extremo de uma marca radial, não apresenta qualquer tipo de letra que nos dê uma pista acerca do nome do oleiro.

Por sua vez, a marca de Sestio apenas num prato *Conspectus* 1.1, considerado como das primeiras produções de *terra sigillata* de tipo itálico (arretinas) de verniz/glanztonfilm vermelho, apresentou dificuldades de identificação, na medida em que lhe falta o início da cartela rectangular, motivo que nos levou a optar por aceitar a hipótese de se tratar de A. Sestio, oleiro com oficinas quer em Arezzo, quer na região do Vale do Pó.

Esta preferência na escolha de A. Sestio baseou-se na cronologia dada para este oleiro no CVA <sup>7</sup> (40-10 a.C.), que se encaixa perfeitamente com a diacronia da forma do prato que, para os autores do *Conspectus*, se localiza no intervalo de tempo compreendido entre 47-40 e 15 a.C.

A uma taça da forma *Conspectus* 22 está apenas a marca de tipo itálico do oleiro P. Attio, que parece ter tido oficinas tanto em Arezzo como em Pisa, ou ainda na região do Vale do Pó <sup>8</sup> durante os últimos dois decénios antes da Era.

No actual território português não são conhecidas marcas de este oleiro, embora na capital da Lusitânia, Mérida, tenha sido encontrada, num prato de forma indeterminada, uma marca deste oleiro, em cartela rectangular com nexos entre o A e o primeiro T.

A marca que pertence ao fragmento de taça *Conspectus* 13 levantou-nos sérios problemas de identificação. Aplicada numa cartela rectangular de duas linhas, dá-nos uma leitura perfeita da segunda, o que nos levou a considerá-la como sendo um produto da olaria de Octávio. A primeira linha, no entanto, oferece-nos um conjunto de possibilidades de leitura, que não conseguimos solucionar. Outro problema relacionou-se com o tipo da cartela, que para a produção de Octávio é da forma *Planta Pedis*, a qual tem uma diacronia a partir de 15 d.C., o que vai contrariar a cronologia tradicional para as marcas inseridas em rectângulo com duas linhas, que é do princi-

pado de Augusto, embora para Kenrick algumas destas “... must be as late as the middle of the first century AD!” <sup>9</sup>.

Para a Gália do Sul, mais precisamente para a região de La Graufesenque, foi exumada uma marca do oleiro sud-gálico Albanos, o qual se pode considerar como tendo uma difusão que privilegiava as regiões do Norte do Império, em detrimento do ocidente peninsular, embora não se possam deixar de mencionar o exemplar de Belo e das duas marcas encontradas no naufrágio de *Culip* IV (Catalunha), em que para este último sítio se constata uma variante para o punção, a qual não possui o “OF” inicial <sup>10</sup>.

A produção deste oleiro é constituída por um reportório heterogéneo, que abrange taças decoradas e não decoradas <sup>11</sup> e apenas um prato do tipo Ritt 1 = Drag. 18.

Em Vechten <sup>12</sup>, das marcas que são apresentadas deste oleiro, pensamos ser lícito enquadrar a nossa marca nas que são caracterizadas pelos seguintes parâmetros: cartela rectangular; “O” legível; espaço idêntico para o “I” em relação ao nexos “NA” e o fim da cartela.

Para Polak, estas características permitiram-lhe atribuir uma diacronia de 60 a 75 d.C., em relação ao conjunto das marcas assim assinadas.

A marca hispânica, que constitui o único o exemplar de origem do Sul da Península Ibérica (Andújar), encontra-se bastante deteriorada, de forma que a sua leitura se torna quase impossível.

A fim de tentar obter algumas conclusões do grupo de marcas de oleiro encontradas aquando das intervenções na Casa dos Bicos, elaborámos um quadro no qual estabelecemos relações entre arqueossítios de ocupação romana onde é forte o abastecimento de produções de *terra sigillata* de tipo itálico e o espólio, idêntico, exumado na Casa dos Bicos.

## Oleiros Presentes na Casa dos Bicos

[e já conhecidos noutros sítios arqueológicos romanos situados na Península Ibérica]

Oleiro	Origem	Alcácer	Conimbriga	Represas	Santarém	Belo	Mérida
A. Sestio	Itálica						X
P. Attios	Itálica	X					X
Agathemero	Itálica		X				X
? Octávio	Itálica						
Radial a)	Itálica	X			X	X	X
Albano	Gália						X
OF...N	Hispânica						

a) Embora não tenhamos leituras idênticas, apresentamos esta linha com o fim de ser possível a comparação com os outros arqueossítios romanos que escolhemos e que possuam marcas radiais.

<sup>7</sup> *Corpus Vasorum Arretinorum* (OXÉ e COMFORT 1968).

<sup>8</sup> Para OXÉ, COMFORT e KENRICK (2000, p. Potter No.: 347) “... the Po Valley output is relatively unimportant”.

<sup>9</sup> OXÉ, COMFORT e KENRICK (2000: 9).

<sup>10</sup> NIETO e PUIG (2001: 22, 24 e 25).

<sup>11</sup> Formas Dragendorff 24-25, 27, 29, 31 e 33.

<sup>12</sup> POLAK (2000: 161).

A análise do quadro apresentado dá-nos a possibilidade de tecer um conjunto de considerações que passamos a apresentar:

A não existência de marcas de tipo radial quer em Conímbriga, quer nas Represas, justifica-se pela simples razão de as importações de *terra sigillata* de tipo itálico de ambos os sítios arqueológicos só terem começado a ter papel relevante a partir dos anos 10 a.C., altura em que a aplicação deste tipo de marcas já tinha caído em desuso.

É também de salientar serem estas duas marcas radiais as primeiras a serem encontradas e publicadas para a cidade de *Olisipo*, pois até ao momento não temos conhecimento de outro qualquer sítio arqueológico escavado em Lisboa (Praça da Figueira, Sé, Teatro) que contenha no seu espólio este tipo de marcas, o que vem demonstrar da “antiguidade” dos elementos utilizados nos enchimentos verificados na Casa dos Bicos.

Embora não se encontre paralelo em Alcácer de Sal para a marca de Sestio, será de alertar ser este oleiro já conhecido em *Salacia* através de um dos seus escravos Hilário<sup>13</sup>.

A presença da marca de Albanos apenas em Belo, na Bética, vem confirmar a ideia de *Olisipo* ser um centro de importação assaz importante para o abastecimento da Lusitânia, para além do seu próprio consumo.

O grande peso da rota atlântica para este tipo de bens de consumo, que implicava os trajectos marítimos tradicionais desde a Península Itálica, com passagem pelos portos do Sul da Gália, Península Ibérica (*Gades* = Cádiz) e finalmente *Olisipo*.

## Catálogo

### Abreviaturas utilizadas

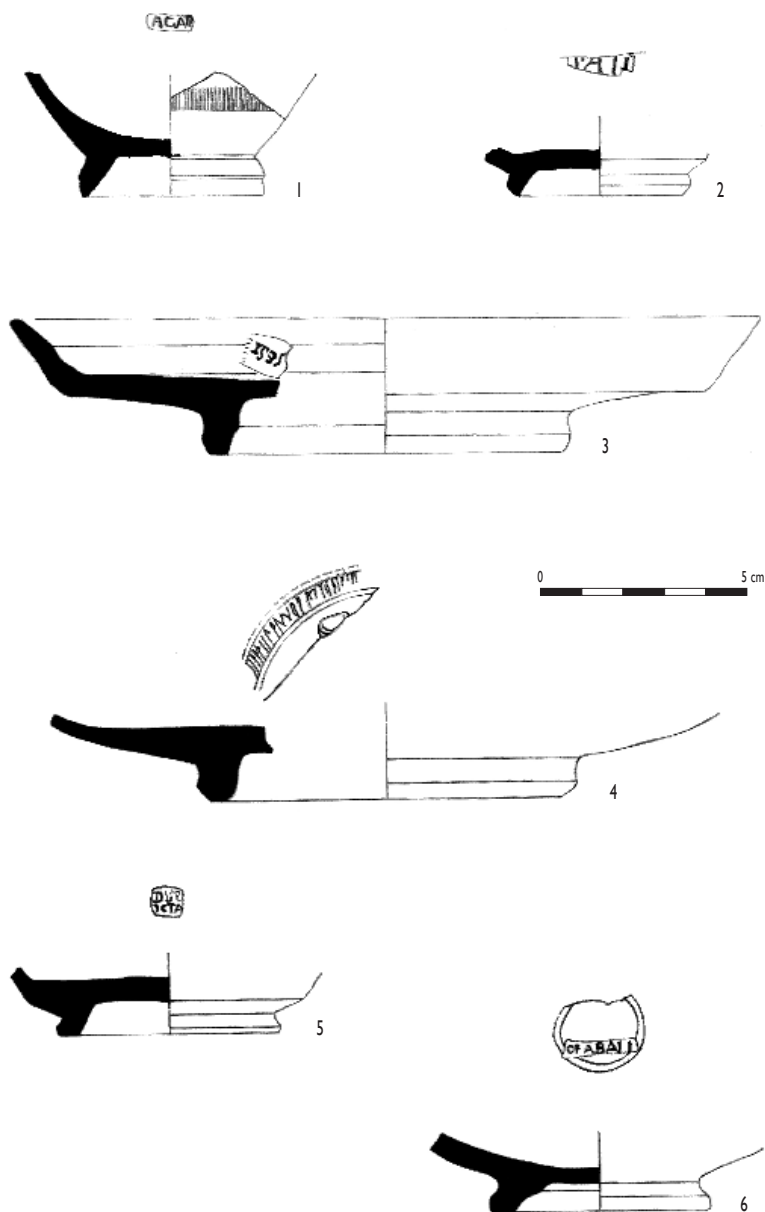
CVA = *Corpus Vasorum Arretinorum* (OXÉ e COMFORT 1968).

CVAK = *Corpus Vasorum Arretinorum*. 2nd ed. (OXÉ, COMFORT e KENRICK 2000).

POL = POLAK 2000.

### MC.ARQ/CB 82.421c (antigo CB 81)

Fragmento de prato com perfil completo, em *terra sigillata* de tipo itálico. “Parede oblíqua”<sup>14</sup>, esvasada, da forma *Conspectus* 1.1. Apresenta uma pasta muito depurada, com vacúolos, de cor 5YR 6/6. O verniz/glanztonfilm é pouco espesso, com manchas mais claras na ligação da parede com o pé, o que denota uma aplicação pouco cuidada, ligeiramente brilhante, de cor 10R 5/8.



↑ Figura 8

*Terra Sigillata* de tipo itálico (1 a 5);  
*Terra Sigillata* galo-romana (6);  
*Terra Sigillata* hispânica (7).

Tem marca de oleiro de forma rectangular que está colocada radialmente e na qual se pode ler *SESTIVS*, faltando-lhe, todavia, a parte inicial.

Esta sigla identifica-se com o oleiro de Arezzo A. *SESTIVS* (CVA 1796 = CVAK 1926), cujo período de laboração se situa entre os anos de 40-10 a.C.

<sup>13</sup> Diogo (1980: 17).

<sup>14</sup> ETLINGER et al. (1990: 52) – “...à paroi oblique...”.

**MC.ARQ/CB 82.423c** (antigo CB 43)

Fragmento de taça que mostra o perfil de uma pequena parte da parede e base, com pé, em *terra sigillata* de tipo itálico. Pertence à forma *Conspectus* 22, possivelmente. Trata-se de uma taça de perfil “*truncocónico com bordo vertical*”<sup>15</sup>. A parede apresenta uma pasta muito depurada, de cor 5YR 8/4. O verniz/glanztonfilm é muito espesso, acetinado e brilhante, de boa qualidade e cor 10R 4/8.

Tem marca de oleiro de tipo *tabella ansata* em que o lado vertical, o mais pequeno, apresenta um fino denteado. A marca encontra-se colocada no fundo da base, ao centro, sendo limitada por um círculo. Permite a leitura *P.ATI* (com o “I” mais pequeno que as outras letras). Pertence ao oleiro *P.ATTIVS* (CVA 209 = CVAK 347), cujo período de laboração se situa entre os anos de 20-1 a.C. Até ao presente não se conhece a localização precisa da oficina deste oleiro.

**MC.ARQ/CB 82.428c** (antigo CB 49)

Fragmento de taça que define o perfil de parte da parede e base, com pé, em *terra sigillata* de tipo itálico. Possivelmente será de uma “*taça truncocónica com bordo vertical*” da forma *Conspectus* 22.4.1. A parede tem uma espessura muito reduzida e apresenta uma pasta arenosa com elementos não plásticos (e.n.p.) abundantes, de cor 5YR 8/4. O verniz/glanztonfilm é muito espesso, acetinado e brilhante, de muito boa qualidade e cor 2.5YR 4/8. Está decorada com uma banda estreita de “guilhochis” muito fino junto à base, na parede externa.

Tem marca de oleiro aplicada numa cartela de forma rectangular com os cantos arredondados, estando colocada no fundo da base, ao centro, permitindo a leitura *AGATHEM* (com “THEM” em nexa e possível ligação entre o “G” e o “A”). Pertence ao oleiro de Pozzuoli *AGATHEMERVS* (CVA 1086 = CVAK 53), cujo período de laboração se situa entre os anos de 10 a.C. e 10 d.C.

**MC.ARQ/CB 82.462c** (antigo CB 4599)

Fragmento de taça com o perfil de uma pequena parte da parede do fundo e base, com pé, em *terra sigillata* de tipo itálico. Pertence à forma *Conspectus* 13. Apresenta uma pasta muito depurada, com vacúolos, de cor 5YR 8/4. O verniz/glanztonfilm é espesso, com uma mancha mais clara na ligação da parede com o pé, brilhante, de cor 5YR 6/8.

Tem marca de oleiro, sendo esta do tipo de um pequeno rectângulo com os vértices arredondados e colocada ao centro do fundo. O nome do oleiro encontra-se inscrito em duas linhas, as quais não possuem qualquer separador. Na primeira linha é legível uma primeira letra “I”, seguida de um grupo de letras de difícil decifração. A segunda oferece-nos a leitura de *OCTA*. Poder-se-á tratar de um “operário” que tivesse laborado na oficina de *OCTAVIVS*. Da investigação feita não conseguimos encontrar nenhum esboço ou liberto deste oleiro cuja marca se coadune com a que estamos a analisar. Atendendo às características da marca, será lícito atribuir-lhe uma cronologia do principado de Augusto.

**MC.ARQ/CB 82.463c** (antigo CB 1436)

Fragmento de prato constituído pelo perfil de uma pequena parte da parede do fundo e da base, com pé, em *terra sigillata* de tipo itálico. Pertence à forma *Conspectus* 1.1.3. Apresenta uma pasta muito depurada, com vacúolos, de cor 5YR 6/6. O verniz/glanztonfilm é pouco espesso, com manchas mais claras, de cor 10R 5/8.

Tem marca de oleiro, possivelmente de forma rectangular e colocada radialmente. Encontra-se fracturada, motivo que a leva a apresentar apenas vestígios duma letra que não permite a identificação do nome do oleiro. Esta marca está inserida/limitada por um círculo (banda) estreito com aplicação de “guilhochis”. Atendendo ao facto de apresentar este tipo de marca, podemos considerá-lo como sendo um produto elaborado entre os anos de 40/20-10 a.C.

**MC.ARQ/CB 82.464c** (antigo CB 3418)

Fragmento de taça com o perfil de uma pequena parte da parede e base, com pé, em *terra sigillata* sud-gálica. Taça da forma Drag. 24-25 ou Drag. 27. Apresenta uma pasta de excelente qualidade, tipicamente sud-gálica, com espectro de pequenas calcites, muito compacta e de cor 2.5YR 6/6. O verniz/glanztonfilm é muito espesso, escamando junto ao pé, brilhante, de cor 2.5R 5/8.

Tem marca de oleiro, sendo esta do tipo de um rectângulo estreito, com os lados mais pequenos oblíquos, e colocada ao centro do fundo, dentro de um círculo duplo em relação ao qual se encontra des centrada. Obtivemos a leitura de *OF ALBANI*, em que se verificam os seguintes nexos: o primeiro “A” com “L” e o segundo “A” com o “N”. Pertence ao oleiro *ALBANVS* (POL A24 e A25), que laborou em La Graufesenque durante o período compreendido entre o principado de Nero e o de Vespasiano<sup>16</sup>.

<sup>15</sup> ETTLINGER et al. (1990: 90) – “...truncocónica à rebord vertical...”.

<sup>16</sup> POLAK (2000: 161) discorda da cronologia apresentada por Oswald para este oleiro, na base da ausência de marcas quer nos fortes de Inglaterra mandados construir por Agricola, quer nas fortificações da Germânia dos tempos de Domiciano.

MC.ARQ/CB 82.465c (antigo CB 42)

Fragmento com o perfil de uma pequena parte da parede de base, com pé de taça de forma Drag. 27, possivelmente, em *terra sigillata* hispânica. Toda a peça encontra-se em estado muito deteriorado, em que apenas se podem analisar pequenas zonas de verniz/glanztonfilm. A pasta é bastante compacta, com espectro de calcites abundantes de fractura irregular, aparentemente sem vacúolos, de cor 10YR 6/6.

O verniz/glanztonfilm é espesso, muito brilhante, de cor 2.5YR 4/8.

Tem marca de oleiro, colocada ao centro dentro de cartela rectangular com os vértices arredondados. A marca encontra-se incompleta, não se podendo definir mais do que as seguintes letras: *OF*, espaço, *N* (?) que poderá pertencer a um dos oleiros que operaram nas oficinas de Los Villares, de Andújar.



## Bibliografia

- ALARCÃO, J. (1999) – *Conimbriga, o Chão Escutado*. Círculo de Leitores, p. 45.
- AMARO, C. (1982a) – “Casa dos Bicos. Notícia histórico-arqueológica”. *Arqueologia*. Porto. 6: 96-111.
- AMARO, C. (1982b) – “Casa dos Bicos: seu historial”. *Al-Madan*. Almada. 1ª Série. 0: 15-16.
- AMARO, C. (1983) – “Casa dos Bicos: exposição de Arqueologia na poética Renascentista”. *Al-Madan*. Almada. 1ª Série. 1: 3-5.
- AMARO, C. (1995) – “Urbanismo Tardo-Romano no Claustro da Sé de Lisboa”. In *IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica (Lisboa, 1992)*. Barcelona, pp. 337-342 (*Monografies de la Secció Històrico-Arqueològica*, IV).
- BOURGEOIS, A. e MAYET, F. (1991) – *Les Sigillées. Fouilles de Belo VI*. Paris: Publications de la Casa de Velázquez. XVI.
- CARITA, H. e AMARO, C. (1983) – “A Casa dos Bicos e a Lisboa Ribeirinha”. In *XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura. Os Descobrimientos Portugueses e a Europa do Renascimento. A Dinastia de Avis e a Europa*. Casa dos Bicos. Lisboa: Presidência do Conselho de Ministros, pp. 247-264.
- DIOGO, A. M. (1980) – *Cerâmica Romana de Alcácer*. I. Lisboa: GECA.
- DUARTE, A. L. e AMARO, C. (1986) – “Casa dos Bicos: a Cidade e a Arqueologia”. *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa. 3: 143-154 (Actas do 1º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana, Setúbal, 1985).
- ETTLINGER, E. et al. (1990) – *Conspectus Formarum Terrae Sigillatae Italico Modo Confectae*. Bona.
- JEREZ LINDE, J. (2005) – *La Terra Sigillata Itálica del Museo Nacional de Arte Romano de Mérida*. Mérida (*Cuadernos Emeritenses*, 29).
- LOPES, Maria. C. (1994) – *A Sigillata de Represas. Tratamento informático*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- MARABINI, Maria. T. (2006) – “Cosa. The Italian Sigillata”. In *Memoirs of the American Academy in Rome*. Roma. Supplementary Volume II.
- MAYET, F. (1983-1984) – *Les Céramiques Sigillées Hispaniques. Contribution à l'histoire économique de la Péninsule Ibérique sous l'Empire Romain*. Paris: Publications du Centre Pierre Paris.
- MIRANDA, T. (2002) – “Os Diamantes de Brás de Albuquerque: trato sucessivo”. In *De Olisipo a Lisboa, A Casa dos Bicos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, pp. 29-41.
- MORAIS, R. (2005) – *Autarcia e Comércio em Bracara Augusta*. Braga: Universidade do Minho.
- NIETO, X. e PUIG, A. (2001) – *Excavacions Arqueològiques Subaquàtiques a Cala Culip 3. Culip 4: La terra sigillata decorada de La Graufesenque*. Girona.
- OSWALD, F. (1937) – *Index of Potter's Stamps on Terra Sigillata (Samian ware)*. *Margidunum*.
- OXÉ, A. e COMFORT, H. (1968) – *Corpus Vasorum Arretinorum. A Catalogue of the Signatures, Shapes and Chronology of Italian Sigillata*. Bona.
- OXÉ, A.; COMFORT, H. e KENRICK, Ph. (2000) – *Corpus Vasorum Arretinorum. A Catalogue of the Signatures, Shapes and Chronology of Italian Sigillata*. Second Edition. Bona (com CD).
- PIMENTA, J.; CALADO, M. e LEITÃO, M. (2005) – “Novos Dados sobre a Ocupação Pré-Romana da Cidade de Lisboa: as ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 8 (2): 313-334.
- POLAK, M. (2000) – *South Gaulish Terra Sigillata with Potter's Stamps from Vechten*. RCREA. Nijmegen. Supplement 9.
- ROCA ROUMENS, M. e FERNÁNDEZ CARCÍA, M. (1999) – *Terra Sigillata Hispánica. Centros de fabricación y producciones altoimperiales*. Universidad de Jaén/Universidad de Málaga.
- VIEGAS, C. (2002) – “A Terra Sigillata da Alcáçova de Santarém. Cerâmica, economia e comércio”. *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa: IPA. 26.

PUBLICIDADE

# AGENDA ONLINE

toda a informação... à distância de alguns toques

reuniões científicas | acções de formação  
novidades editoriais | exposições | turismo cultural

al-madan Online

disponível em <http://www.almadan.publ.pt>  
[migrado de <http://almadan.cidadevirtual.pt>]